

ARTIGO - 4. AS PERSPECTIVAS DA CONSERVAÇÃO DESDE O SUL  
GLOBAL: PATRIMÔNIO PARA TODOS: DEMOCRACIA E JUSTIÇA SOCIAL /  
REFLEXÕES SOBRE PATRIMÔNIO: NARRATIVAS PLURAIS E MEMÓRIAS  
SILENCIADAS / NOVAS PERSPECTIVAS E ABORDAGENS NA GESTÃO,  
VALORIZAÇÃO E CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO.

**ENTRE ÁGUAS E RUÍNAS: MEMÓRIAS E DESEJOS EM SUSPENSÃO NA  
PAISAGEM DE CAMBUQUIRA (MG)**

*Luiz Felipe César Martins De Brito (luizfelipecmbrito@gmail.com)*

Cambuquira, município da região do Circuito das Águas do Sul de Minas, é apresentada, aqui, não somente por suas águas, mas também pelas ruínas presentes em seu território. Entre estas, o Hotel Elite destaca-se como signo de um tempo (em torno da virada do século XIX para o XX) em que as águas virtuosas da região simbolizavam tratamento e cura para diversas doenças, além de distinção social, já que a região recebia especialmente as elites políticas e econômicas mineira, paulista e fluminense. Hoje, sua materialidade degradada revela o encontro entre o tempo devastador — que consome a matéria — e o tempo revelador (como diria Serrão) — que desvela sentidos, memórias e desejos presentes nos imaginários coletivos do município, bem como nas ideologias das políticas públicas de turismo e cultura do Estado. O caso cambuquirense evidencia a estreita relação entre ruína, água e memória. Muitos dos municípios do Circuito das Águas foram erguidos, na virada do século XIX para o XX, a partir de uma matriz simbólica que articulou natureza, técnica e ideologia higienista, criando uma série de equipamentos turísticos, arquitetônicos e urbanísticos para atender à demanda daqueles que iriam para

a região tratar-se em suas águas. Com o passar das décadas, e a partir de mudanças em âmbitos legais e científicos, que serão aqui discutidas, tais águas, antes sagradas e terapêuticas, transformaram-se em produto industrial; os hotéis e balneários, vestígios de um ideal de projeto civilizatório interrompido. As ruínas do Hotel Elite (e de outros como ele), sendo equipamento construído para estes períodos áureos em que as águas locais eram tidas pelos seus poderes curativos, demonstram, assim, o esvaziamento de uma cidade simbólica, como diria Brandão, e a ideia de “maquinação das águas”, como informa Souza. Entretanto, a perda é também revelação. As ruínas de Cambuquira guardam o “teor de sagrado” de que fala Ruskin: nelas habita o reconhecimento da beleza da impermanência. São parte de uma paisagem que resiste menos pela integridade física e mais pela persistência afetiva e imaginária. A partir de relato de visita de campo, pesquisa documental e revisão teórica das áreas da teoria e filosofia da paisagem e da teoria do restauro, o olhar sobre estas ruínas, presente neste trabalho, indaga o porquê de suas permanências, se elas, além de memórias, representam desejos em suspensão da população cambuquirense e, se sim, quais são estes desejos.

Palavras-chave: ruína; paisagem; memória; circuito das águas.